

Entrevista com a Profa. Dra. Marilda Aparecida de Menezes

Lidiane M. Maciel¹

Estudiosa do rural e urbano brasileiro, Marilda Aparecida de Menezes é professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC e do Doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Ela também é pesquisadora do CNPq nível 1C, e professora aposentada da Universidade Federal de Campina Grande/Paraíba. Em artigo recentemente publicado pelo Prof. Dr. Jaime Santos Júnior há uma síntese esclarecedora de sua trajetória. Segundo o autor há dois traços marcantes em seu percurso intelectual “o exercício permanente de diálogo com as diferentes abordagens teórico metodológicas e a vigilância sobre os contextos/fenômenos que reclamam a pesquisa” (SANTOS JÚNIOR, 2020, p. 2). Pesquisadora há mais de trinta anos da temática das migrações, a professora considera que:

em primeiro lugar, a migração [...] é constituinte das estratégias de reprodução social de toda a família (Durham, 1978; Garcia Junior, 1989; Scott, 1986; Woortmann, 1990). Em segundo lugar, destaco que os deslocamentos migratórios não expressam necessariamente uma transição do campesinato para o proletariado industrial ou a ruptura com o meio rural e uma integração na cidade, mas também, e muito frequentemente, articulam as múltiplas

¹ Professora do Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional e da Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP). E-mail: lidiane@univap.br

formas de reprodução camponesa e de trabalho assalariado. Registro, nesse aspecto as contribuições de Meillassoux (1977), Garcia Jr (1980, 1989), Palmeira (1977), Lopes (2013). Em terceiro lugar, as redes sociais de parentesco, vizinhança e amizade são mobilizadas nas estratégias de trabalho, nos arranjos de família e de moradia, formas de sociabilidade e pertencimento religioso assim como conectavam os territórios do Sertão Paraibano e a região do ABC Paulista. (MENEZES, 2020, p. 3).

Dessa maneira, considerando a conexão das três premissas (migração, família e trabalho) em diferentes territorialidades, em abril de 2020, a Profa. Marilda Aparecida de Menezes concedeu à *Idéias* uma entrevista em que explicita suas posições em relação aos estudos migratórios contemporâneos. Ela destaca os contextos políticos em que se desenvolveram tais estudos e, sobretudo, a produção teórica e metodológicas dessa área temática.

[Revista Ideias] como a professora vê as transformações nos fluxos migratórios (ou jornadas migratórias (KNOWLES, 2017) do século XX e XXI? Especialmente, quando vistas em relação aos processos migratórios Nordeste-Sudeste.

[Marilda A. Menezes] os movimentos migratórios são dinâmicos, estão sempre em transformação, assim como os processos econômicos, sociais e políticos. A década de 1930 representou um marco na transição das migrações internacionais para as migrações internas. O fluxo entre a região Nordeste e Sudeste foi intenso entre as décadas de 1930-1970. Como muitos estudos já demonstraram, ocorreram transformações significativas nessa rota migratória, com por exemplo, diminuição da entrada de migrantes na região metropolitana de São Paulo e a migração de retorno. Não mostrarei aqui dados quantitativos, tarefa que tem sido realizada de modo competente por pesquisadores (as) que fundamentam suas pesquisas em metodologias quantitativas.

Embora as migrações entre a região Nordeste e Sudeste, em especial, São Paulo e Rio de Janeiro, não sejam mais expressivas em termos quantitativos desde a década de 1980, entendemos que não perdeu importância nem para os que migram e nem como objeto de pesquisa. Os deslocamentos nos espaços não expressam apenas movimentos ou redistribuição espacial, populacional ou de força de trabalho, mas envolvem dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais e subjetivas. Nos termos do pensador argelino, Abdelmalek Sayad, são um *fato social total*. Os dados quantitativos, as explicações macro-estruturais são relevantes, mas, defendemos que é importante, também, incorporar os significados atribuídos às migrações pelos agentes envolvidos nesse processo social. Não se trata de opor a escala macro à micro, mas, assumimos a perspectiva teórica de que a manifestação das estruturas nas práticas e ações dos indivíduos e grupos não prescinde da sua capacidade de *agência*. Os migrantes não são mero reflexo das forças econômicas, mas são agentes sociais ativos, seja nos processos migratórios, seja nas relações de trabalho, ou ainda nas formas de organização da família, nas práticas de sociabilidade e na construção dos territórios. Entre alguns objetos de pesquisa, citamos aqui alguns. Os territórios na cidade, no caso na metrópole paulista, são inscritos das marcas de gerações de migrantes, internacionais ou nacionais. Por exemplo, o município de São Caetano do sul, na região do ABC Paulista foi formada inicialmente por imigrantes italianos, mas a partir da década de 1950 foi significativa a chegada de migrantes vindos da região nordeste, estado de Minas Gerais e interior de São Paulo. As trajetórias desses grupos estão presentes em vários bairros. No entanto, observamos que em alguns, como a Vila São José e Vila Gerty, são identificados como sendo bairros de nordestinos. As migrações do Nordeste para a região do ABC Paulista já não têm a expressividade quantitativa do período de 1950-70, mas as experiências dos migrantes estão inscritas na construção dos territórios por onde circularam.

As pesquisas sobre identidades de migrantes nordestinos em São Paulo também tem sido um objeto de estudo privilegiado por pesquisadores de diversas formações, como historiadores,

antropólogos, sociólogos, comunicação, entre outras áreas. Os que se fundamentam, na metodologia da história oral, buscam compreender como os indivíduos e famílias que vivenciaram deslocamentos migratórios narram sobre suas experiências de trabalho, família, religião, participação política entre outros vivências. Diríamos que as migrações do Nordeste para a região do ABC Paulista já não têm mais expressividade em termos quantitativos, no entanto, as experiências dos migrantes estão inscritas na construção dos territórios bem como na sua consciência e cultura.

[Revista Ideias] considerando os Grupos de trabalhos (GTs) em eventos acadêmicos de nossas associações (SBS, ANPOCS, ABEP, ABET), percebo que os debates sobre migrações internas estão cada dia mais marginalizados ou pulverizados, e um foco maior em estudo dos processos migratórios internacionais. Assim, seguindo ainda a linha da primeira pergunta e dessa constatação, qual lugar das migrações internas hoje nos estudos das Ciências Sociais no Brasil?

[Marilda A. Menezes] de fato, o tema das migrações internacionais tem ganhado maior proeminência em relação às migrações internas nos grupos de trabalho de associações acadêmicas. É compreensível que isso ocorra considerando a importância das migrações internacionais desde a década de 1980. Sobre migrantes para o Brasil, temos o caso dos bolivianos em São Paulo e mais recentemente dos haitianos, classificados com migrantes ambientais, e venezuelanos, sírios e de outros países que buscam o reconhecimento como refugiados. Quanto aos brasileiros que saem para outros países, temos a crescente emigração de brasileiros para os Estados Unidos, Canadá, Japão, e países europeus. Nossa compreensão é que, embora as migrações internacionais e de refúgio envolva questões que são diferenciadas das migrações internas como fronteira, estatuto jurídico, língua, entre outras; há, também, pontos comuns entre essas experiências migratórias. Poderíamos mencionar, por exemplo, alguns conceitos que podem

ser mobilizados seja para internas ou internacionais, como os de mobilidade, campo migratório, espaço migratório. Além disso, há, também, perspectivas teóricas comuns, seja a macroestrutural ou aquelas centradas na agência, em que os sujeitos – migrantes – são os personagens centrais dos processos migratórios. A dinâmica da globalização, dos processos de violência e dominação política, a mobilidade do capital e da força de trabalho são componentes importantes para explicar as migrações nacionais e internacionais contemporâneas. No entanto, entendemos que é importante ir além e incorporar os significados atribuídos às migrações pelos agentes envolvidos nesse processo social bem como suas práticas em contextos de controle e dominação sobre as condições de trabalho, de deslocamentos, de enfrentamento de fronteiras, de acesso à direitos. Com essas considerações, consideramos que seja frutífero, em termos teóricos e metodológicos, que se ampliassem as interlocuções entre pesquisas de migrações internas e internacionais nos diversos espaços acadêmicos.

[Revista Ideias] a professora relata em alguns trabalhos sua proximidade com organizações vinculadas à igreja católica, assim, acompanhando de perto, atualmente, qual o papel dessa instituição religiosa (dessas organizações, como a *Missão Paz*) na acolhida dos migrantes nos locais de destino? Como vê a questão?

[Marilda A. Menezes] na década de 1980, quando estava concluindo a pesquisa e o texto da dissertação de Mestrado, fui contratada pelo Centro de Estudos Migratórios (CEM), instituição da Congregação *Scalibriniana*, cujo carisma é a dedicação aos migrantes. A *Missão Paz* é uma instituição filantrópica da Congregação, cujo objetivo é o apoio e acolhimento a imigrantes e refugiados. Até década de 1980, o trabalho de acolhida era mais com os migrantes internos e, após, aquela década, ganha importância a acolhida aos migrantes de fora do Brasil, bolivianos, paraguaios, peruanos, e mais recentemente sírios, venezuelanos, haitianos e africanos. Associado ao trabalho de acolhida, também se desenvolvia atividades na linha de educação popular e

conscientização. No CEM, me dedicava à diversas atividades, tais como organização da documentação e biblioteca, pesquisas, publicações, trabalho pastoral, assessorias a organismos de igreja, movimentos sociais e sindicais. Fiz parte de um coletivo de pessoas que contribuíram para a criação do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM) em 1985, organismo que pertence à Linha das Pastorais Sociais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Seu lema é similar à *Missão Paz*, ou seja, acolhida, formação, organização e defesa dos direitos dos migrantes. Naquele período, estávamos envolvidos com uma perspectiva da *Teologia da Libertação* e acreditávamos que o trabalho pastoral poderia contribuir para conscientizar politicamente os migrantes, os pobres, os trabalhadores. O trabalho de formação e articulação política tinha maior atenção que a acolhida aos migrantes. Não é o caso aqui de fazer uma reflexão crítica sobre o porquê dessa visão. Apenas arrisco algumas ideias para reflexão a partir da minha experiência. A acolhida para nós, naquele período, expressava uma ação assistencialista, que seria um paliativo para as necessidades dos migrantes, mas não contribuiria para adquirir consciência sobre sua situação e, assim, ter possibilidades de transformá-la. A meu ver, havia um pressuposto de que os migrantes, trabalhadores, pobres não tinham consciência e era o trabalho de formação e articulação política que poderia construir para o que, naquele contexto, considerávamos consciência política. Sem desmerecer a importância de todo o trabalho desenvolvido que gerou frutos importantes na mudança política no Brasil após o período de Ditadura Militar, entendemos que a precisamos problematizar o a ideia de sentido de que a consciência política é formada a partir de agentes e instituições externas aos próprios indivíduos. como expressão de certas visões, ideologias ou organizações política. Entendo que todos os indivíduos, homens mulheres, crianças, jovens, idosos, tem consciência, ou seja, são sujeitos sociais ativos, com capacidade de pensar sobre e agir sobre suas condições objetivas de vida. Nesse sentido, o que queremos reter é o termo “consciência” e não propriamente consciência política. O desafio não é propriamente construir “consciência política”,

mas como os agentes de pastorais, lideranças de movimentos sociais, pesquisadores podem compreender a consciência dos os migrantes, trabalhadores, pobres, ou seja, como são suas práticas sociais e simbólicas e seus modos de pensar e representar sobre suas experiências de trabalho, vida, família, política, religiosidade. Entendemos que o desafio para os agentes de pastorais, lideranças de movimentos sociais, pesquisadores é como compreender o outro. É fundamental o exercício da alteridade, em que possamos afinar nossa sensibilidade e a “arte de escutar”. Esse exercício pode sim ser realizado não só em atividades de formação política, mas, também, em espaços de acolhida. A ação de acolhida para os migrantes além de ser um serviço de atendimento de necessidades econômicas, de documentação, formação profissional, pode ser, também, um importante espaço de interação humana, em que migrantes internos, internacionais ou em solicitação de refúgio, encontrem ouvidos sensíveis às suas angústias, medos, traumas. Essa é, também, uma ação política, a qual se constrói nas interações cotidianas, perpassadas de solidariedades, tensões, conflitos. Os espaços de acolhida são fundamentais para a inserção econômica-social na nova cidade, estado, país e para a construção de indivíduos e famílias com sentimentos de autoestima, dignidade e reconhecimento.

[Revista Ideias] sobre a questão metodológica, qual lugar das pesquisas qualitativas nos estudos migratórios? Seguindo a tradição qualitativa, quais as principais dificuldades que a professora percebe entre os pesquisadores/alunos quando realizam entrevistas?

[Marilda A. Menezes] seguindo um pouco o que dissemos na primeira pergunta, ao elegermos os migrantes como os personagens de nossas pesquisas, nos orientamos por perspectivas teóricas, como a do historiador social E. P. Thompson, que busca compreender como os indivíduos e famílias tratam em sua consciência e cultura as condições estruturais e os processos sociais. Temos privilegiado a metodologia da história oral,

que não se resume à uma técnica de pesquisa para obtenção de dados, conteúdos, mas busca registrar como os sujeitos sociais entrevistados pensam elaboram sobre suas experiências de vida. Assim, a preocupação não é apenas reconstruir os eventos, experiências, processos sociais, mas sim os sentidos construídos e atribuídos pelos seus praticantes. As técnicas mais correntes são a entrevista semiestruturada e a história de vida. A aplicação dessas técnicas não se orienta por procedimentos pré-fixados e rígidos, mas exige uma postura ética do pesquisador pautada no exercício da “arte de ouvir, confiança e respeito”. A entrevista é um diálogo intersubjetivo entre pessoas em posições sociais diferenciadas, em que se negociam saberes, práticas e interesses.

[Revista Ideias] sobre a questão teórica, professora, como teorizar o movimento? Quais os desafios que a professora vê na teorização de uma dimensão tão dinâmica e multifacetada. Há possibilidade ainda de uma grande *Teoria da Migração*? Ou ficaremos em *Teorias de Médio-alcance*, como sugeriu o sociólogo americano Robert Merton, sobre a sociologia em geral. Gostaria também que a professora nos contasse como foi o processo de composição do conceito de “camponeses-migrantes”, como fez no livro “Redes Enredos nas trilhas dos migrantes”.

[Marilda A. Menezes] penso que não há propriamente uma Teoria da Migração, mas, diferentes perspectivas teóricas que se desdobam das principais correntes da Teoria Social. Citando algumas, sem pretensão de esgotar, teríamos as teorias estruturalistas, neoclássicas, interacionismo simbólico, individualismo metodológico, as de mediação entre agência e estrutura, entre outras. Também poderíamos pensar nas influências de teorias da economia e sociologia do trabalho, globalização, identidades, para explicar os movimentos migratórios. Desde a década de 1980, vários pesquisadores têm identificado reconfigurações nas migrações internas e internacionais que problematizam algumas ideias correntes nas pesquisas de migrações, tais como origem, destino, etapas migratórias, bem como tipologias fixas como

migração rurais-urbanas, temporárias, definitivas, de retorno. A noção de mobilidade tem sido proposta como mais apropriada que a de migração para dar conta da intensidade e circularidade dos deslocamentos de indivíduos e famílias, das diferenciações das trajetórias migratórias, da heterogeneidade dos migrantes e outros atores envolvidos nos processos migratórios. Acredito que a noção de mobilidade pode ser frutífera para questionarmos as classificações fixas e rígidas, no entanto, exige dos pesquisadores um esforço teórico e metodológico para compreender trajetórias migratórias de indivíduos, famílias e grupos, seja nas fronteiras nacionais ou internacionais, assim como os significados que os sujeitos em mobilidade atribuem à sua experiência.

A categoria camponeses-migrantes proposta na pesquisa do doutorado com camponeses da região Agreste da Paraíba que trabalhavam no corte de cana nas usinas do estado de Pernambuco foi uma tentativa de dialogar com três questões. Primeiro, a ideia de reduzir aqueles trabalhadores à migrantes sazonais, destituindo-os de sua historicidade. Eles eram camponeses, que tinham terra ou não, trabalhavam com a família em agricultura de autoconsumo e moravam em territórios de parentesco chamados na região de sítios. Segundo, trata-se de um diálogo crítico à visão de que a migração levaria à desagregação das condições de reprodução social dos camponeses. Migrar para se assalariar, seja nas usinas ou no trabalho urbano em São Paulo tem sido uma estratégia de reprodução social dos camponeses. Terceiro, problematizar a ideia de desenraizamento e desagregação familiar. Embora, a trajetória de vida seja marcada por mobilidade, não são pessoas desenraizadas. Em suas estratégias econômicas, arranjos de família, parentesco, bem como suas redes de sociabilidade, expressam o pertencimento à um território.

[Revista Ideias] pensando a partir dos seus estudos, especialmente, aquele que derivou o livro “Redes e Enredos nas trilhas dos migrantes”, qual papel da família e trabalho ainda nos processos migratórios?

[Marilda A. Menezes] o livro “Redes e Enredos nas trilhas dos migrantes” resulta da pesquisa realizada com homens que migravam das áreas rurais região Agreste da Paraíba para trabalhar no corte de cana. As esposas, mães, namoradas ficavam em casa cuidando dos roçados, dos filhos e afazeres domésticos. Nessa pesquisa como em outras anteriores realizadas na década de 1980, com camponeses do Sertão que migraram para a região do ABC Paulista defendemos que a migração é feita por indivíduos, mas ela faz parte, quer dizer, é constituinte das estratégias de reprodução social de toda a família. As ideias de desagregação da família e desenraizamento foram, também, questionadas, ao defendermos que as redes sociais de parentesco, vizinhança e amizade são mobilizadas nas estratégias de trabalho, nos arranjos de família e de moradia, formas de sociabilidade e pertencimento. Acreditamos que realizar pesquisas que associem as experiências de trabalho, migrações e família possa ser uma perspectiva analítica promissora para se pensar estratégias e trajetórias migratórias; a diversidade de composição da classe trabalhadora bem como dos arranjos familiares. Ao mesmo tempo, penso que explorar as zonas de intersecção entre esses temas pode ser frutífero para formular novas questões sobre identidades, gênero, família, pertencimento territorial. Há desafios teóricos-metodológicos a enfrentar para desenvolver essa perspectiva. Um deles é o esforço em colocar em diálogo campos temáticos que são especializados em um tema, como os estudos de trabalho, família e migrações. Um outro ponto é aproximar e colocar em diálogo a literatura sobre categorias diferenciadas de trabalhadores (as) como agricultores, assalariados rurais, operários na indústria, setor de serviços, e em territórios diferenciados.

[Revista Ideias] ainda falando sobre seu livro “Redes Enredos nas trilhas dos migrantes” como a professora vê a organização hoje da *resistência* entre os migrantes? Considerando todos os níveis do mais institucionalizados (como do sindicato dos trabalhadores).

[Marilda A. Menezes] pensando mais especificamente sobre os trabalhadores migrantes em safras, como cana, café, laranja, maçã, sentimos que a resistência a nível sindical, movimentos sociais e outras formas de organização, está fragilizada, assim como estão as dos trabalhadores em geral. No entanto, acredito que continuam existindo formas de resistência que não tem visibilidade pública. Como outros pesquisadores e em nossas pesquisas já demonstramos é possível que continuem acontecendo ações coletivas do tipo “paradeiros”, que ocorrem a nível de cada local de trabalho com duração de tempo limitada a 1 dia ou alguns dias e, em geral, sem a mediação do sindicato. Além disso, acreditamos que a resistência microbiana, invisível, difusa esteja ritmando o cotidiano nos espaços de trabalho. O desafio metodológico para nós pesquisadores é como observar essas práticas que são constituintes das práticas de resistência cotidiana dos trabalhadores.

[Revista Ideias] para finalizar, gostaria que a professora nos contasse o atual estágio da sua pesquisa, sei que iniciou um projeto que contempla entrevistar migrantes que participaram de suas pesquisas lá na década de 1970/80. Como está sendo esse processo de revisitar questões e, especialmente, pessoas?

[Marilda A. Menezes] quando me aposentei no Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Campina Grande em 2012, após 22 anos, tive a oportunidade de ser Professora na Universidade Federal do ABC, como Bolsista do Edital e Professora Visitante Senior da CAPES. Desde esse período, em parceria com estudantes e pesquisadores tenho me dedicado a pesquisas sobre memória do trabalho, da família e dos deslocamentos entre áreas rurais e urbanas, assim como dos movimentos sindicais e políticos. No Projeto “Trabalho e família: memória dos migrantes no Sertão Paraibano e no ABC Paulista”. Realizamos entrevistas com homens e mulheres que haviam migrado na década de 1970 para a região do ABC Paulista. Também, tentamos encontrar pessoas que entrevistamos na pesquisa de

1980-4 e localizamos um homem na Paraíba e uma mulher em Santo André, realizamos novas entrevistas com eles e outros membros da família. O material tem sido trabalhado em duas perspectivas. Primeira, analisar as narrativas de homens e mulheres sobre suas experiências de trabalho, da trajetória migratória e dos arranjos de família. Segundo, revisitar as entrevistadas coletadas no período de 1980 a 84 com novas chaves teóricas, ou seja que não estavam presentes na pesquisa daquele período, como, por exemplo, os atributos de masculinidade como constituintes e constituidores das imagens positivas que os camponeses construíam de si como bons trabalhadores para a indústria que exigia homens fortes, disciplinados e dispostos a qualquer serviço.

Entendemos que as pesquisas sobre a memória de trabalhadores e trabalhadoras que vivenciaram trajetórias migratórias pode ser uma contribuição teórica e metodológica profícua para compreendermos como indivíduos e famílias elaboram na sua consciência e cultura as suas labutas e lutas, estratégias, trajetórias de trabalho e vida. Além disso pode subsidiar acervos de memórias de personagens “subalternos”, cujas vozes raramente estão documentadas.

Agradecimento

A Idéias – Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, agradece à Profa. Marilda Aparecida de Menezes pela entrevista concedida em meio a tantas incertezas ocasionadas pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19).

Referência

KNOWLES, C. **Nas trilhas de um chinelo: uma jornada pelas vias secundárias da globalização**. Annablume, São Paulo. 2017.

MENEZES, M. A de. **Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa, PB: EDUFPB.2002.

MENEZES, M. A de. Trabalho, família e migrações: uma relação afetiva e uma trajetória de pesquisa. **Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo** N°7 enero-junio 2020.

SANTOS JUNIOR, J. Veredas, Inquietações e Engajamentos: sobre o desafio de “ler” Marilda Menezes. **Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo** N°7 enero-junio 2020.